

As razões da frente da esquerda revolucionária

Companheiros,

Nesta altura dos acontecimentos o proletariado brasileiro começa a dar sinais de querer sair da paralisia, causada pelo golpe militar de 1964. Operários gaúchos, lado a lado com estudantes enfrentam a polícia em praça pública. Em São Paulo, se reúnem milhares de trabalhadores e vão uma liderança sindical reformista e pelega na luta contra a política salarial da ditadura, e outros tantos protestam na Guanabara. O cansaço da ditadura e de seus métodos de governo se estende até à política burguesa e mesmo um Congresso dócil começa a esboçar gestos de "rebeldia".

Acreditamos que tudo isso, por enquanto, não passa ainda de prelúdios de futuras lutas, prolongadas e acirradas. A questão que se impõe, todavia, é: qual é a nossa força para influir nos acontecimentos para liderar as massas proletárias que estão tentando novamente ações de luta, para por em prática as posições que defendemos durante os últimos anos nas discussões teóricas dentro e fora do Partido?

Quando falamos de "nossas forças" nós nos referimos à esquerda revolucionária existente no país, tal como se esboçou de fato no processo de discussão e reestruturação ocorrido desde o golpe militar para cá. Referimo-nos às organizações e grupos dentro da esquerda que não se limitaram ao papel de simples porta-vozes do descontentamento reinante nas bases e não se contentam em conciliar uma terminologia radical com a prática reformista. Referimo-nos à minoria que procura tirar as lições da derrota mediante uma consciente aplicação da experiência do marxismo-leninismo na situação do país, à minoria que se agrupou em torno de posições teóricas revolucionárias.

Para avaliar a força e o papel dessa esquerda revolucionária impõe-se um balanço geral da situação da esquerda, principalmente dos resultados da luta interna que dominou a vida política dos últimos anos.

Resultados da luta interna

As discussões que se seguiram ao golpe militar em quase todas as organizações políticas da esquerda se transformaram em luta interna. A mais importante, todavia, a que mais repercutiu no processo de reestruturação das esquerdas, se travou no PC. Iniciada como simples rebelião de descontentamento contra uma liderança responsável pela derrota, as águas começaram a se dividir com o progresso dos debates, que implicou na necessidade das definições políticas. Ao mesmo tempo se perderam as ilusões iniciais. Abandonaram-se as esperanças de "tomar" o partido em Congresso, à base de uma frente única de todos os descontentes. O aparente afinamento da liderança direitista foi desmentido pela sobrevivência do aparelho, inerte mas tenaz. Finalmente, teve-se de desistir também do intuito de enfrentar a direita no Congresso, o que permitiria uma cisão, ainda que minoritária, mas que levasse a maioria das bases realmente militantes. O CC se adiantou a essa solução: adiando o Congresso, tomou a iniciativa da cisão à base de expulsão.

Torna-se evidente, hoje, que o resurgimento da direita foi facilitado pela incapacidade das oposições em apresentar uma alternativa em conjunto, tanto no campo das definições políticas quanto no terreno da atividade prática. No que diz respeito às definições políticas, a oposição se dividiu, no que posteriormente se chamaria Corrente e Dissidência, sendo que somente essa se preocupou com a elaboração de uma plataforma. A Corrente, evitando as definições, em parte por falta de preocupação com o assunto, em parte para não arriscar a aparente unidade do "centro", não soube opor ao CC uma linha política coerente. No que diz respeito à prática da luta política, a Dissidência se fez sentir no setor estudantil, não chegando a desenvolver uma atividade na massa operária em geral. A Corrente, que conservou mais ligações com as bases operárias do Partido, nesse terreno mal distinguia as suas atividades, ou inatividades, da ala direita.

Tornou-se evidente, também, que a luta interna no Partido, tal como foi travada, com as forças e recursos à disposição, ameaça chegar a um ponto morto. Um sinal evidente é a consolidação do aparelho do Partido, que em diversos frentes conseguiu tomar a iniciativa, especialmente contra o "centro", a Corrente. Esta, com sua instabilidade interna, composta de pelo menos três facções que lutam pelo domínio em termos bastante tradicionalistas, revela poucas perspectivas de sobrevivência como o 'novo partido'. Formada precariamente em torno de objetivos bastante imediatistas (o comando político-militar), evita definir princípios políticos e objetivos de luta, e praticamente não realizou nenhum trabalho de formação e politização das bases. É de se prever que, mais tempo menos tempo, parte desse centro, voltará ao partido tradicional, já que na prática pouco se distingue dele. Existe porém em seu meio uma quantidade considerável de bases e quadros a procura de um caminho revolucionário e consequente. Estes têm de ser conservados como reserva

para um futuro partido revolucionário.

O resultado mais importante na luta interna, sem dúvida, foi o surgimento da Dissidência. Embora minoritária e concentrando-se em dois estados — Guanabara e Rio Grande do Sul — a sua significação não pode ser avaliada meramente em termos numéricos. De todas as oposições que surgiram no Partido — e desde há muito tempo — a Dissidência é a única que se formou em torno de posições teoricamente fundamentadas, a única que procurou fazer da teoria revolucionária uma arma na luta interna. A importância da Dissidência consiste justamente no fato de ter formado, do seio do Partido, uma força política disposta a aplicar o método e a experiência do marxismo às condições concretas do país. Uma vez trilhado por esse caminho, essa oposição dentro do Partido chegou a conclusões fundamentais idênticas às defendidas, há tempos, fora do Partido, pela PO. Dizemos conclusões fundamentais, porque trata-se do caráter e do caminho da revolução no Brasil e das tarefas de esquerda revolucionária. Uma vez criada essa situação, devemos buscar as consequências.

Problemas a curto prazo

Tirar as consequências significa, no caso concreto, dar continuidade à luta pelos objetivos que motivaram a luta interna, da maneira como foi realizada até agora. Resumindo esses motivos à sua expressão mais simples, podemos dizer que se tratava de dar ao proletariado uma vanguarda consequente, um partido revolucionário — já que o velho PC revelou não preencher esse papel. Esse objetivo pode ser considerado como um denominador comum da esquerda revolucionária existente, já que motivou a nossa luta dentro e fora do partido. Mas é justamente esse objetivo que suscita alguns problemas, que têm de ser discutidos até o fim.

O primeiro, ao que nos parece, já produziu uma concordância na atuação prática: os debates e a própria luta interna deixaram claro que o problema do partido revolucionário não se resolve com paliativos e improvisações, como a atitude de pretender "mudar a liderança" para resolver o problema da vanguarda (é a posição dos que dizem "o partido somos nós" querendo apenas ocupar o lugar dos adversários), ou a que se satisfaz com "a luta armada gera o partido"; abandonando a luta política e a definição dos objetivos de luta, ou outras similares. A formação do partido revolucionário só pode ser fruto de um esforço consciente e dirigido. Nas condições concretas em que se desenvolvem as lutas de classe no país terá uma significação mais profunda: significará o rompimento, ou o início do rompimento às tradições reformistas e ao domínio das ideologias pequeno-burguesas nas esquerdas e na classe operária — dos quais o próprio PC foi expressão e instrumento. O surgimento do partido revolucionário da classe operária significa um salto qualitativo e tem de ser precedido por uma mudança qualitativa na atuação dos revolucionários que se propõem esse fim.

O que entendemos atualmente por essa mudança qualitativa na atuação dos revolucionários? Antes de tudo, que alcance o nível da prática leninista, que sua atuação seja guiada por uma teoria revolucionária. Isso em parte já se deu na luta interna. Mas para tirar todas as consequências desse princípio do velho Lênin, temos de saber dar-lhe continuidade também no momento em que a luta interna deixa de ser tarefa principal.

Todos nós (e muito mais gente além de nós) concordamos em que o marxismo tem uma base científica, e que "não há prática revolucionária sem teoria revolucionária". Os grandes mestres do passado já disseram isso e há muito pouca gente disposta a desmenti-los de frente. Mas se nós não queremos transformar esses princípios em dogmas mortos, temos de aplicá-los de maneira criadora à realidade que enfrentamos. Para nós, nas presentes circunstâncias, isso significa que na luta pelo partido revolucionário temos de unir, antes de tudo, as forças de defendem as mesmas posições teóricas básica. Que essas bases teóricas devem nortear o processo de reagrupamento e reestruturação que atualmente está se dando, indicando simultaneamente os seus limites e a hierarquia das tarefas.

Sabemos que semelhante passo seria um rompimento com todas as tradições vigentes em nossa esquerda — pois posições teóricas não se negociam — mas seria também um ponto de partida para tirar a esquerda do marasmo em que se encontra.

Um segundo problema que é colocado pode se resumir no seguinte: até que ponto podemos hoje, com as forças à disposição, preencher o vácuo da não existência do partido revolucionário? Esse problema, quando é levantado, é visto geralmente sob o ângulo da força numérica — o que não deixa de ser justificado. É justificado em vista de uma estratégia de ação comum da Dissidência e da Política Operária terá de ser elaborada. Estratégias não se controem no ar. Dependem de forças materiais em jogo e nós fazemos parte desses fatores materiais.

É verdade que com algumas centenas de militantes que reunimos como ponto de partida, não representamos uma força numérica para fazer jús às necessidades que a luta de classes no país

impõe. Mas também aqui temos de nos lembrar que a importância de uma vanguarda não se esgota em algarismos. Além do fato da noção de militante num movimento revolucionário ser mais rígida do que reformista, a reunião de algumas centenas de quadros que fazem da luta revolucionária uma profissão em torno de uma teoria revolucionária alteraria radicalmente as relações de forças na atual esquerda. Desde o início permitiria sustentar no país, de nordeste ao sul uma linha política revolucionária, com as mesmas palavras de ordem e a mesma perspectiva de luta. Nós teríamos criado um polo para outras centenas de milhares de revolucionários, que integraríamos e agruparíamos em torno de nós. Estão hoje surgindo no país os mais diversos grupos, alas, facções, frequentemente em níveis de debates já ultrapassados por nós, à procura de uma orientação mais ampla. Essas reservas se perderão se deixadas sozinhas. E, finalmente, há as inúmeras bases do Partido que sentem a falta de uma orientação para a atuação mais rudimentar, e que estão dispostos a colaborar com quem quer que seja que lhe dê uma perspectiva, mesmo em escala local.

Outro aspecto do mesmo problema é o de até que ponto nós — a PO e a Dissidência — já estamos *qualitativamente* preparados para unificar nossas forças, até que ponto essa unificação pode progredir no presente momento. Até que ponto já alcançamos uma teoria comum.

Deixamos claro que o nosso objetivo é a formação do partido revolucionário e que a unidade proposta visa esse fim. Temos plena certeza que a unificação das nossas forças ainda não representa esse partido, mas que seria um passo decisivo para esse fim. Nas atuais circunstâncias nós o consideramos um passo indispensável. Partidos revolucionários não surgem espontaneamente; são resultado de lutas. Nós só temos essa alternativa: reunir as forças com posições consequentemente revolucionárias e dar o passo para frente; ou então deixarão o barco correr, e isso significa que muitas posições teóricas atingidas durante a luta interna se perderão por falta de consequências práticas correspondentes.

Nessas circunstâncias urge abrir uma perspectiva mais consistente às bases da Corrente, que estão realmente à procura de um caminho novo. Temos de mostrar a eles que a guerrilha não substitui a luta de classe em todos os seus níveis, não nos poupa do trabalho persistente e consciente nas massas, que sempre caracterizou a atuação de uma vanguarda. Temos de mostrar a eles na prática concreta das condições do país como tornar a luta de guerrilhas parte de uma estratégia política global da luta proletária. E isso se tornará mais necessário ainda para evitar que as decepções com a atual concepção da luta de guerrilha (debrayista) impliquem num novo reforço das posições abertamente reformistas.

Sob este ponto de vista, a formação de uma esquerda revolucionária organizada terá repercussões mais rápidas ainda no meio da Corrente do que no do velho Partido.

Não há dúvida que o problema da formação da vanguarda revolucionária também é uma questão de somar forças, mas trata-se de somar forças revolucionárias, à base de uma teoria e uma perspectiva comum de luta. É isso que possibilita a ação comum.

É isso também que nos aproxima de fato do partido revolucionário, do partido dos comunistas brasileiros, composto de revolucionários de um novo tipo, que saibam unir a teoria à prática, que dominem tanto a palavra como o fuzil, capazes de levar a luta até as últimas consequências. São eles que hoje mais fazem falta neste país.

Desde já temos a obrigação de intervir na luta, no terreno que encontramos, com as forças e os recursos que dispomos para dar uma liderança ao movimento que está se esboçando independentemente de nós e à nossa revelia. Até agora a nossa força principal eram nossas posições teóricas, que defendemos intransigentemente e que nos permitiram tomar a iniciativa nesse campo. Para transformá-la em força material propomos a formação da Frente de Esquerda Revolucionária em torno dos seguintes pontos fundamentais:

Os princípios da Frente da Esquerda Revolucionária

1. A revolução Brasileira na atual etapa tem um caráter socialista, pois terá de destruir as bases em que se assenta o regime capitalista no país. A penetração do capitalismo no campo e a integração imperialista que subordinou a burguesia brasileira criam as condições para as transformações socialistas — as únicas que poderão por os recursos da nação a serviço do povo que trabalha.

No ambiente de confusão ideológica deixado pela tradição reformista, é vital o trabalho persistente de esclarecimento sobre a natureza do processo revolucionário. As fórmulas vagas e conciliadoras entre a tese da "revolução burguesa" e a da "revolução socialista" não contribuem para a formação de uma clara consciência da luta atual. E só uma classe consciente dos obstáculos e inimigos que tem pela frente poderá desenvolver todas as suas potencialidades e seu espírito de iniciativa no longo caminho

até a vitória final.

2. As classes sociais que temos de mobilizar — que são a base social da revolução e do poder revolucionário — são os trabalhadores da cidade e do campo. No nosso trabalho de organização da massa, na nossa agitação e propaganda, na nossa linha de ação, em todas as alianças eventuais e lutas políticas terá de se traduzir o objetivo da formação da aliança revolucionária dos trabalhadores da cidade e do campo contra a sociedade burguesa-latifundiária. Pelo lugar que ocupa no processo produtivo, a classe operária tem o lugar de vanguarda no processo e de sua combatividade é que dependerá, em última análise, a sorte da revolução: a mobilização do proletariado industrial é a tarefa fundamental dos marxistas brasileiros.

Para vencer, no entanto, a vanguarda operária terá que saber orientar para o caminho da revolução todo o potencial de luta dos trabalhadores do campo. A exploração capitalista no campo cria a grande base de apoio da classe operária na luta.

A aliança dos trabalhadores urbanos e rurais deverá liderar vastas camadas da pequena-burguesia urbana, radicalizadas na crise. Dentre soldados, marinheiros, dentre funcionários, bancários, dentre o ativo movimento estudantil, a vanguarda comunista deve já desenvolver um trabalho para integrá-los na luta revolucionária dos trabalhadores.

3. Nossa agitação e propaganda têm um caráter e uma função preciosos. Ela visa despertar a consciência de classe do proletariado, denunciando o regime e apontando o caminho de sua destruição. Em lugar dos chavões do nacionalismo e da democracia sem caráter de classe, que embalam a pequena-burguesia e confundem os trabalhadores, nossas palavras são aquelas que trazem à tona o ódio latente ao regime que os oprime e a solidariedade de classe. É a guerra à sociedade burguesa, o combate à exploração patronal, ao Estado e suas instituições, à justiça de classe, que pregam nossa agitação. A continuidade desse nosso trabalho criará uma nova vanguarda da classe, capaz de guiá-la no caminho da revolução.

Como condição de êxito para as lutas reivindicatórias e políticas dos trabalhadores levantamos hoje a palavra de ordem dos comitês de empresa, ou seja, da organização autônoma e pelas bases da classe operária.

Nos sindicatos o que nos distingue é a luta intransigente contra a dominação ministerial sobre os órgãos da classe, estrangulados pelo controle do Estado. Só a luta contra essa dominação criará uma oposição sindical verdadeiramente revolucionária.

4. Nenhuma vanguarda será verdadeiramente revolucionária se não abrir o caminho da destruição da máquina policial-militar que garante a opressão sobre os trabalhadores. A constituição dum partido revolucionário e a insurreição operária passam, nas condições do país, pela guerra de guerrilhas que, contando com o potencial de luta no campo, sela a aliança operário-camponesa e desgasta política e materialmente o poder burguês-latifundiário.

Na estratégia militar da Revolução a guerrilha terá um papel de destaque por garantir a continuidade da ação numa guerra que assumirá inevitavelmente um caráter prolongado de dimensões continentais contra o potencial bélico do imperialismo. Mas desde o início a guerrilha terá que se dirigir às massas trabalhadoras e em especial à classe operária, dando-lhe a direção e o estímulo para sua luta de classe. Ao colocar a questão do poder revolucionário o foco guerrilheiro já cumprirá sua primeira função, de elevar o nível da luta política do proletariado.

5. A constituição na etapa atual de uma frente da esquerda revolucionária é vista por nós como um passo na construção do partido marxista-leninista. Ao enfrentarmos as tarefas presentes de mobilização da classe através da propaganda e da agitação, da organização pelas bases, e da própria luta revolucionária; ao convocarmos todos os verdadeiros comunistas e os militantes da revolução proletária — a se unirem a nós em torno desse programa de ação, pensamos caminhar para a construção do partido revolucionário da classe operária.

Uma organização só poderá merecer o nome de um partido operário quando tiver um claro programa revolucionário que esteja presente nas lutas da classe. A combatividade dessa vanguarda, sua clareza de posições e suas ligações com as massas, serão a garantia de que saberá estar à altura da guerra que nos espera. É para isso que trabalhamos hoje.

Novembro de 1967.

Comitê Nacional - Política Operária

Comité Estadual do RGS
Comité Municipal (leninista) do RGS
Comité Secundarista da Guanabara (Dissidência)